

Professor: Arnin Braga

Disciplina: História da Filosofia Moderna I

Semestre: 3º de Filosofia

KANT: A ESTÉTICA TRANSCENDENTAL

1. INTRODUÇÃO

Na primeira parte da obra “*Critica da Razão Pura*”, Kant fará uma análise dos sentidos humanos. Sua preocupação não é somente mostrar como o ser humano pode conhecer as coisas por meio dos sentidos – como fizeram Locke e Hume – mas, principalmente, descobrir quais são as condições de possibilidade para que a experiência sensorial humana possa conhecer alguma coisa. Em outras palavras, Kant deseja investigar quais estruturas existentes nos sentidos humanos permitem ao homem conhecer de fato o mundo a sua volta. A estas estruturas fundamentais que garantem o conhecimento por meio dos sentidos, ele chamou de “estruturas a priori da sensibilidade”. Tais estruturas são “transcendentais”, isto é, condições de possibilidade (aquilo que permite e possibilita o conhecimento). Mas que estruturas “a priori” dos sentidos são essas: as categorias de ESPAÇO e TEMPO. Em suma, toda experiência feita pelo ser humano só é possível porque, de antemão, já possuímos em nós as categorias de espaço e de tempo que nos permitem conhecer. Tais categorias são “a priori” porque ninguém faz a experiência do tempo e do espaço para depois dizer se algo é “rápido” ou “demorado”, “grande” ou “pequeno”; mas só podemos dizer que as coisas são grandes, pequenas, rápidas ou longas porque já temos em nós a noção de espaço e tempo.

Kant nomeia esta primeira parte de sua obra como “Estética Transcendental”. Mas por que ele utiliza o termo “Estética”? Falará Kant aqui do problema do Belo e do Feio? Não. O filósofo em questão traz consigo o significado mais original da palavra “estética”, que vem do grego αἰσθῆσις (“aistésis”) e significa SENSIBILIDADE. Logo, Kant nomeia sua análise dos sentidos como “Estética Transcendental” porque sua principal preocupação é descobrir as condições de possibilidade (transcendentais) da sensibilidade (os sentidos) humana. Vejamos o que este importante filósofo descobriu.

2. EXISTEM CONHECIMENTOS QUE SE DÃO NA EXPERIÊNCIA, MAS NÃO PARTEM DELA

Na Estética Transcendental, Kant se utilizará de termos que são fundamentais:

a) Intuição: é o modo como o conhecimento se refere imediatamente ao objeto. Mas ela só ocorre quando o objeto nos é dado, ou seja, quando somos afetados por ele. Em outras palavras, intuição para Kant não tem o sentido corriqueiro de conhecimento sobrenatural ou místico das coisas, mas significa o nosso contato direto e imediato com os objetos e com a realidade.

b) Sensibilidade: a capacidade de representar a forma como esses objetos se apresentam ao conhecimento e nos afetam. A sensibilidade é a forma como representamos os objetos em nossa mente a partir da experiência dos sentidos.

c) Intuição empírica: intuição que se relaciona com o objeto por meio de uma sensação.

d) Intuição pura: são intuições que estão no conhecimento, mas não possuem nenhuma sensação. São as estruturas “a priori” da sensibilidade e os transcendentais (condições de possibilidade) de toda estética.

e) Estética transcendental: busca encontrar os princípios “a priori” que norteiam e permitem o conhecimento de toda experiência sensível. São esses princípios o ESPAÇO e o TEMPO.

3. A PRIMEIRA CATEGORIA A PRIORI DA SENSIBILIDADE: O ESPAÇO

O que é o Espaço? É um ente real? É uma propriedade que está nos objetos independente de ser intuída ou não pelo ser humano? Ou será que é uma realidade subjetiva, pertencente apenas ao interior do ser humano, mas que no fundo não se aplica a objeto nenhum?

Para responder a essas questões, Kant propõe uma metafísica do conceito de espaço. Mas para Kant, metafísica possui um sentido peculiar: fazemos metafísica quando queremos descobrir as condições de possibilidade para algo. E o que esta análise metafísica mostra a Kant é:

- O espaço não é nenhum conceito empírico tirado das experiências externas: para eu dizer que algo está perto de mim ou não, se é grande ou pequeno, preciso já ter uma ideia de espaço como fundamento.

- O espaço é uma representação necessária, *a priori*, que serve de fundamento para todos os fenômenos externos.
- O espaço não é nenhum conceito discursivo (uma invenção do ser humano), mas é uma intuição pura. Todos os conceitos sobre espaço (se é extenso, grande, pequeno, etc) partem da intuição de que o espaço é uno. Podemos dividir as coisas em vários espaços, mas por trás deste ou daquele espaço, reside uma certeza apodítica (certeza evidente, que se mostra a nós sem muitas teorizações): a intuição pura de um espaço que é uno.
- O espaço é representado como uma grandeza infinitamente dada. É impossível fazer a experiência empírica da infinidade espacial das coisas existentes (não dá para experimentar o universo inteiro), mas há uma intuição pura que nos permite pensar tal infinidade (mas conseguimos categorizar o universo graças a categoria de espaço que já está em nós). O espaço não é um conceito (algo inventado pelo sujeito), mas é uma intuição pura (algo que se mostra já no sujeito).

Conclusões a partir da análise metafísica do espaço

O espaço não representa os objetos em si (o *noumeno*), mas somente como os objetos se apresentam à nossa sensibilidade a partir da intuição. Não captamos a coisa em si, tal como ela é (o *noumeno*), mas apenas a forma como as coisas se mostram a nós (o *fenômeno*). Em outras palavras, nunca conhecerei uma pessoa tal como ela é, mas apenas aquelas características que meus sentidos conseguem captar dela.

Logo, Kant chega a conclusão que o espaço é uma estrutura “a priori” do nosso conhecimento, manifestado por meio das experiências com os objetos, mas que não se origina delas. O espaço é a condição de possibilidade para qualquer conhecimento a respeito dos objetos fora de nós.

4. A SEGUNDA CATEGORIA A PRIORI DA SENSIBILIDADE: O TEMPO

O que é o Tempo? É um ente real? É uma propriedade que está nos objetos, independente de ser intuída ou não pelo ser humano? Ou será que é uma realidade subjetiva, pertencente apenas ao interior do ser humano, mas que no fundo não se aplica a objeto nenhum?

Segundo a análise metafísica de Kant, o tempo:

- não é nenhum conceito empírico, porque se fosse: como seria possível pensar em vários tempos simultaneamente se eles sempre ocorrem de forma sucessiva? Ou seja, como seria possível que nós seres humanos pensássemos no que estamos fazendo agora (estudando e lendo), de cara para um futuro (fazer uma prova), se tais tempos ocorrem de maneira sucessiva? Segundo Kant, isso só é possível porque o tempo não é um objeto empírico, que podemos ver ou tocar, mas é uma categoria.
- é uma representação necessária que serve de fundamento para todas as intuições. Isto é, podemos suprimir todas as experiências, menos a do tempo.
- permite afirmações porque, apesar de dividirmos o tempo (passado, presente e futuro), nossa intuição percebe que há só um tempo (um “contínuo”, o “instante”).
- não é nenhum conceito discursivo (uma invenção do pensamento humano), mas é uma intuição pura (ele se mostra a nós)
- A infinidade do tempo não implica nenhum obstáculo ao conhecimento humano. Só podemos dividir tal infinidade (o instante) em tempos sucessivos (passado, presente e futuro) porque esta infinidade serve de fundamento.

Conclusões a partir da análise metafísica do tempo

O tempo não é algo que existe por si mesmo e nem está nos objetos externos. O tempo é uma condição “a priori” que nos permite conhecer as coisas. O tempo é a condição formal a priori de todos os fenômenos.

5. CONCLUSÃO DE KANT NA ESTÉTICA TRANSCENDENTAL

Ao analisar as categorias de Espaço e Tempo presentes na Sensibilidade humana, Kant notou que toda a intuição que possuímos dos objetos não são os objetos em si, mas apenas representações dos objetos. Conhecemos apenas o fenômeno, nunca os objetos em si. Logo, Espaço e Tempo não são estruturas dos objetos, mas estruturas pertencentes ao sujeito. No entanto, diferente de Hume, Kant afirma que tais estruturas não são inúteis ao conhecimento – meras invenções humanas produzidas pelo hábito –, mas são justamente o que nos permite ser afetados pelos objetos e conhecê-los a partir do modo como se apresentam a nós. Segundo Kant, não podemos conhecer absolutamente nada que esteja fora das categorias de Espaço e Tempo.

REFERÊNCIA:

DEKENS, Olivier. *Compreender Kant*. Edições Loyola: São Paulo, 2008.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura e outros textos filosóficos*. Editora Abril Cultural: São Paulo, 1975 (Coleção Os Pensadores)